

40 ABRIL ANOS

Âncora
editora

APÉ
ASSOCIAÇÃO
PORTUGUESA
de ESCRITORES

HENRIQUE GARCIA PEREIRA

O 25 de Abril como momento de *suspensão* lúdica e insurgente na história do capitalismo em Portugal

O capitalismo (de casino¹) contemporâneo, caracterizado pela primazia dos ‘produtos financeiros’ sobre a ‘economia real’, leva à mercantilização totalizante da *vida (toda)* de (*todos*) os indivíduos. Mas esta fase atual do capitalismo não é mais do que o zénite de uma longa história de redução do homem (e da mulher) a objetos de exploração cada vez mais intensa, e englobando cada vez mais aspetos do corpo e alma dos antigos ‘Famélicos da Terra’, hoje transmudados na ‘multidão’ de que falam Hardt & Negri (2004).

No sentido de combater criticamente a crescente apropriação da *vida* pelo capitalismo, delineeii neste texto algumas conjeturas sobre a criatividade lúdica² e insurgente, própria dos seres humanos livres, autónomos e desassossegados, que se relacionam horizontalmente ao arrepio de todas as hierarquias. Passando em revista os (breves) períodos em que tal criatividade foi capaz de enfrentar momentaneamente o capitalismo, sublinho o mais recente (?) de tais períodos, no qual participei ativamente: o 25 de ABRIL.

Como decorre do conceito de ‘situação’, tal como foi introduzido por Debord (1957), e aplicado a conjuntos cada vez mais extensos de

¹ Em que se chega ao *extremo* (*extremamente* ridículo) de ser o Estado a promover ‘tombolas’ para premiar os seus cidadãos mais cumpridores, que não se apercebem – nesse jogo viciado – da probabilidade ínfima de ganhar os tão propalados ‘sinais exteriores de riqueza’, os quais – em vez de serem fortemente taxados (como seria de esperar) – cumprem a lastimosa função de (em potência) fazer esquecer a miséria quotidiana da população.

² Para Huizinga (1955) o jogo lúdico é uma categoria crucial da vida, tão associada à ‘civilização’ como outras componentes mais ‘ilustres’, da ordem do *saber* e do *fazer*...

indivíduos em relação rizomática, a criatividade coletiva sinérgica e disruptiva – que é mais complexa (e interessante³) do que a ‘individual’⁴ – afirma-se sempre *contra* todo o ‘espaço estriado’ (Deleuze & Guattari, 1980) onde impere uma qualquer forma de tirania.

Por outro lado, as situações criadas num contexto de luta contra o *status quo* só podem levar a uma criatividade coletiva que erradica (*radicalmente*) o ‘tédio’ – o qual toma, em geral, contornos ambigualmente contrarrevolucionários – em favor da FESTA, que é quase (?) sempre anti-establishment.

Ao longo da história, por breves momentos de exuberância revolucionária com sabor a um futuro mais igualitário e feliz⁵, este tipo de criatividade coletiva combateu o poder instituído durante breves momentos de *suspensão* lúdica e insurgente da repressão quotidiana capitalista.

Esses breves momentos, que – para mim – culminaram no 25 de ABRIL, irromperam na *longue durée* – compreendida entre os últimos anos do século XVIII e os finais do século XIX – em curtos (mas fulgurantes) episódios em que a transgressão e o *dissenso* explodiram espontaneamente em revoltas que abalaram momentaneamente o capitalismo. Desde alguns episódios mais ‘enragés’ da revolução francesa, à ‘Primavera dos Povos’ de 1848 e à Comuna de Paris de 1870, houve na história ‘oficial’ pequenos intervalos sublimes em que a vida saiu dos carris impostos pelo poder (as *estrias* do espaço *estriado* de Deleuze & Guattari, 1980), e tomou os contornos de um belo caos lúdico e disruptivo, onde a criatividade floresceu extensivamente.

Durante a *Grande Révolution*, um desses intervalos foi protagonizado pela ‘*Conjuration pour l’Égalité*’ de Gracchus Babeuf, com o seu «Manifeste des Plébéiens». Na realidade, ao proclamarem o direito à insurreição para atingir a felicidade (essa “ideia nova na Europa” de que

³ Afirma o Senhor Eliot: “Se um verso não se liga a pelo menos um homem, ficará apenas nas mãos de quem o escreveu, o que poderá não ser suficiente” (Tavares, 2010).

⁴ As ‘situações’ de Debord & Cie (que emprestaram o *nome* à Internacional Situacionista, movimento minoritário e radical que surgiu em meados do século XX como oposição sistémica à ‘sociedade do espetáculo’, *vd.* Martos, 1989) são ambiências momentâneas transformadas (em), e desencadeadas (pela) paixão, numa afirmação lúdica da poesia vivida numa vertigem caótica que interrompe revolucionariamente a ‘vida quotidiana’ (sensaborona e monótona) onde assenta o capitalismo pós industrial.

⁵ Esses são momentos de *bona hora*, a expressão latina que corresponde a *bonheur*.

falava Saint-Just), os ‘conjurados do ano IV’ abriram – com a sua *quête d’un bonheur insolent* – uma pregnante brecha subversiva na história da civilização ocidental, marcada no fim do século XVIII pelo elitismo iluminado e pelo terror indiscriminado.

Mais tarde, sem telemóveis, internet e televisão, mas com jornais, panfletos e mensageiros, uma onda de revolta iniciada em janeiro de 1848 em Milão contagiou a Europa, espalhando o protesto e a sublevação por toda a península onde hoje se situa a Itália, pela França, pelo Império Austro-Húngaro, e, e, e... Por exemplo, os festejos de Viena que acompanharam as barricadas levantadas pela multidão contra o poder imperial, mostram um *espantoso* (e *espantado*) regozijo, em que uma inesperada componente lúdica é facilmente identificável, acompanhada de um admirável êxtase coletivo.

Depois, na curta epifania que foi a Comuna de Paris, por entre a arquitetura de Montmartre (*que* falava a linguagem das pedras de *que* eram feitas as barricadas), os revolucionários (entre os quais as mulheres tiveram um papel preponderante⁶) ergueram-se contra o capitalismo, rejeitando o tédio e exaltando a festa em esplêndidos banquetes assinados pelo absoluto desprezo pela morte, por parte de quem já experimentou o inolvidável prazer da liberdade.

No século XX, para além dos soviets que se espalharam pela Europa na sequência da guerra de 14-18, considero que o momento insurgente mais exaltante antes do 25 de ABRIL se situou na revolta ‘estudantil’ ocorrida em maio de 1968. Essa revolta é sintoma pregnante de uma significativa bifurcação na história contemporânea, iniciada nos “anos 60” com uma ‘cultura de juventude’ caracterizada por alguma autonomia libertária (e criativa). Tal cultura (ou melhor, contracultura), vinculada a esse ânimo que punha em prática a beleza compulsiva anunciada por Breton, espalhou-se pelo planeta (de Berkeley a Tóquio, passando por

⁶ É interessante notar que a impetuosidade combativa do género feminino nas barricadas da Comuna de Paris teve alguma repercussão nas resoluções da Conferência de Londres da Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT), realizada nos finais de 1871. Pela primeira vez, nessas resoluções, é mencionada a urgência em criar uma associação revolucionária de mulheres, abrindo ao ‘segundo sexo’ as portas da AIT, a mais importante associação do proletariado da época (que, até à Comuna, só admitia – pelos próprios estatutos – membros do ‘primeiro sexo’).

toda a Europa) nas cintilantes insurreições da juventude que enfrentavam toda a autoridade.

Concluída assim a minha genealogia (subjativa) do 25 de ABRIL⁷, poderemos então entrar no *vif du sujet*: esse momento intercalar de *suspensão* lúdica e criativa da história do capitalismo em Portugal que nasceu' em 1974.

O período a que me refiro estende-se desde os finais de Abril de 1974 aos finais de Novembro de 1975. Durante este período, a 'multidão' à la Negri (Hardt & Negri, 2004) desmantelou os principais pilares do capitalismo da época, através de 'campanhas' (em larga medida) espontâneas, centradas na 'reforma agrária', ocupação de fábricas e de habitações (umas devolutas, outras pertencentes a próceres do regime deposto). Nestas campanhas, vou focar em especial os aspetos em que o povo em cólera (e em festa⁸), desenquadrado dos partidos 'oficiais', manifestou a sua revolta de um modo (mais ou menos) autónomo, disruptivo e lúdico.

⁷ No que diz respeito aos 'antecedentes próximos' do 25 de ABRIL, posicionados na *courte durée* que vai de 1969 a 1974, há alguns aspetos socioeconómicos que quero salientar, para distinguir este período, caracterizado por uma (pequena) abertura 'liberal', da anterior *grisaille* salazarenta, obscurantista e fundamentalista. Sem preocupação de exaustividade e sistematização, posso referir alguns desses aspetos: (i) emergência de irrupções revolucionárias estudantis que tendem a autonomizar-se relativamente a um enquadramento rígido dos partidos de *esquerda* tradicionais (e mesmo das organizações ditas *esquerdistas*); (ii) liberalização dos costumes, do ponto de vista das relações homem/mulher, espartilhadas no período anterior por uma feroz repressão 'moralizante'; (iii) advento (ténue) de um proletariado jovem com um certo poder de compra (o rendimento do trabalho *per capita* duplicou em 3 anos), que lançou algumas 'greves selvagens' (como por exemplo a "greve da mala" de 1969, em que os 'revisores' da Carris se recusaram – durante uma semana – a cobrar bilhetes aos utentes dos transportes públicos, os quais – como seria de esperar – cooperaram alegremente com estes grevistas *sui generis*, incitando-os à 'greve perpétua'); (iv) desenvolvimento de um (intenso) surto económico de raiz industrial (que atingiu crescimentos da ordem de 10%) com repercussões na construção civil, na banca e mesmo na Bolsa de Valores de Lisboa (à qual a pequena burguesia começou a ter acesso, com mais-valias assinaláveis); (v) enfraquecimento da ideia de que o país tinha de defender à *outrance* as colónias e solidificação da alternativa europeia (aberta pela adesão à EFTA) em largos setores da burguesia avessos à 'lei da contenção industrial' do salazarismo; (vi) lançamento de novas indústrias (confeção e calçado, papel e concentrado de tomate), enquadradas num certo capitalismo 'modernizante', e alimentadas por um volumoso investimento estrangeiro, (vii) desertificação (relativa) dos campos, com a migração para o litoral e a emigração para a Europa.

⁸ Do outro lado do Atlântico, veio o 'apoio' solidário do Chico Buarque: "Sei que estás em festa, pá, fico contente..."

Como *exemplo exemplar* deste tipo de campanhas, quero começar por relatar um episódio (pouco conhecido) que vivi intensamente: num dia *quente* do Verão *quente* de 1975, os camponeses do Couço derrubaram a Igreja da povoação à força de braço e corda, com a ajuda de um pequeno bulldozer. Tratava-se de um edifício sem qualquer ‘utilidade’ (já que estava sempre vazio), cujos escombros serviram, a partir daí, de suporte às festas e bailes que se realizavam (com grande frequência), juntando todo o povo da aldeia nas jocosas (e abundantes) libações que acompanhavam o alegre ritual da ‘matança do porco’.

Para além deste episódio, há uma infinidade de outros que exemplificam o carácter singular lúdico e exaltante do meu 25 de ABRIL. Entre esses, posso mencionar a ‘manif das palmeiras’ em que um conjunto heteróclito de jovens boémios se reuniu espontaneamente no Rossio às quatro da madrugada do dia 27 de abril de 1974, e – empunhando (em vez de cartazes) folhas de palmeira arrancadas das árvores da Avenida da *Liberdade* – desfilou até ao Saldanha, cantando as cantigas da *liberdade* (em vez das ‘palavras de ordem’ clássicas).

Outro caso interessante situou-se no Porto, no jardim da Cordoaria, aos primeiros dias de maio de 1974. Tratou-se da *primeira* ação ensaiada em Portugal a favor dos DIREITOS DOS HOMOSSEXUAIS, em que os ‘machos latinos’ do Norte tentaram boicotar – sem sucesso – a causa do ‘terceiro sexo’.

No que diz respeito à *printed matter*, surgiram imensos fanzines e jornais, de entre os quais quero salientar um *efémero* semanário, designado por «AQUI» e dirigido por Mário Henrique Leiria⁹, em que, ainda mais *efemeramente*, colaborei. Aí (ou aqui?), tratei do ‘problema da habitação’ de um modo irreverente e perturbador (para o *establishment*), abrindo a porta para o ‘movimento das ocupações’.

Finalmente, um outro ingrediente que surge em alguns panfletos dos movimentos mais radicais que emergiram no 25 de ABRIL é a utilização de uma técnica divulgada pela Internacional Situacionista que consiste em alterar subversivamente o conteúdo de imagens produzidas pelo poder, através de uma legendagem lúdica e satírica.

⁹ Este escritor surrealista abraçou alguns traços mais revolucionários do 25 de ABRIL, posicionando-se politicamente numa certa ‘esquerda libertária’ e usando com profusão a ironia e a sátira como armas (poderosas) contra a burguesia.

Passados quarenta anos, não posso deixar de recordar com uma imensa ternura os momentos que vivi no meu 25 de ABRIL, quando uma gigantesca máquina opressora deixou de funcionar, dando lugar, como por *magia*, a uma esfuziante embriaguez de *alegria*, associada à agitação revolucionária. Sem tolerar qualquer forma de militantismo, passei a viver frivolamente “acima das minhas possibilidades”, armado desse sentido de humor que é um dos mais importantes instrumentos emancipatórios dos povos (“a crise de hoje é a anedota de amanhã”, dizia Henry Wells). E, mergulhado num imenso prazer coletivo, pratiquei com grande prodigalidade a festa e a hospitalidade¹⁰, aceitando – com Paul Auster – que “respirar é aceitar esta falta de ar” (mas, mesmo assim, *respirando* nas fissuras da memória).

Referências

- Debord, G. (1957) *Rapport sur la construction des situations et sur les conditions de l'organisation et de l'action de la tendance situationniste internationale*, Plaquette in-12, Paris
- Deleuze, G., Guattari, F. (1980) *Mille Plateaux*, Minuit, Paris
- Huizinga, J. (1955) *Homo Ludens*, The Beacon Press, Boston
- Hardt, M., Negri, A. (2004) *Multitude, guerre et démocratie à l'âge de l'empire*, La Découverte, Paris
- Martos, J-F. (1989) *Histoire de l'internationale situationniste*, Gérard Lebovici, Paris
- Pereira, H.G. (2009) *Fragmentos do Mediterrâneo*, Vol. 3, Teorema, Lisboa
- Tavares, G. M. (2010) *O Senhor Eliot e as conferências*, Caminho, Lisboa

¹⁰ Essa hospitalidade materializava-se no acolhimento, em minha casa, de *todos* os ‘turistas políticos’ das várias nacionalidades com quem me cruzava nas festas e comícios de *toda* a ordem.

«Quis a Associação Portuguesa de Escritores evocar os 40 anos do 25 de Abril, dia e projecto, tempo e realizações, memória e devir. Um tributo plural, nascido da liberdade de pensamento e criação, capaz de convocar testemunhos, análises, instâncias do júbilo ou da revolta, a palavra sem grilhetas que só a democracia assegura.»

A Direcção da Associação Portuguesa de Escritores